

Lugar de morada *versus* lugar de memória: a construção museológica de uma Casa Museu

Rosaelena Scarpeline*

RESUMO

Este trabalho propõe-se apresentar o processo que leva a comunicação silenciosa existente no espaço doméstico para dentro das Casas museus. Será examinada a re-construção do espaço doméstico e a transformação de objetos cotidianos em objetos testemunhos, que são eleitos para homenagear e ressignificar a vivência de um personagem histórico, transformando a casa residência em monumento histórico. Para tanto, se compreenderá a casa como lugar de morada unindo espaço, materialidade e imaginário, procurando retratar a forma de morar no Brasil a partir de meados do século XIX e início do século XX.

PALAVRAS-CHAVE: *Museus casa; monumentos; Cultura material; Espaço doméstico; Objetos.*

ABSTRACT

This paper intends to present the process that leads to silent communication exists in the domestic sphere into the Historic house museums. It will examine the reconstruction of domestic space and the transformation of everyday objects into objects witnesses, that are elected to honor and to reframe the experience of a historical person, transforming the home residence in a historic monument. For this, one shall mean the house as a dwelling place linking space, materiality and imagination, trying to retrace the way of living in Brazil since the mid-Nineteenth century and early Twentieth century.

KEY-WORDS: *Historic house museums; monuments; Material culture; Domestic space; Objects.*

*Bacharel em Biblioteconomia; Mestrado em História pelo IFCH/Unicamp. Diretora da Divisão Técnica do Centro de Memória da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), Pesquisadora do Projeto "Patrimônio Cultural Rural Paulista", da mesma universidade.

Para entendermos a Casa morada

A casa, o domicílio, é a única barreira contra o horror do caos, da noite e da origem obscura, encerra em suas paredes tudo que a humanidade pacientemente recolheu ao longo dos séculos, opõe-se a evasão, à perda, à ausência, pois organiza sua ordem interna, sua civilidade, sua paixão.

IMMANUEL KANT

Procurando fundamentos na historiografia para entender o interesse histórico do estudo de uma casa morada, chegamos ao campo da história da vida privada, do cotidiano, do espaço da memória social e cultural, partindo do princípio que o mundo da casa é o mundo privado.

Segundo Duby há diferenças entre o mundo privado e o mundo cotidiano, "(...) A vida privada é portanto a vida de família, não individual, mas de convívio, é fundada na confiança mútua" (DUBY, 1990, p. 23).

Para ele a vida privada é o espaço doméstico, familiar que não é regido pelas leis e sim pelos costumes. Seus membros fazem parte da vida pública, mas no mundo privado são ligados pelo afeto, amizade e tradição. Então o espaço da casa não refletiria a vida cotidiana como um todo, seria apenas um fragmento da história social de um tempo, uma amostra de cultura material. Opõe-se ao público por ser um espaço próprio, reservado, íntimo.

Entretanto para Ariès a visão da casa é elemento fundamental não só para o estudo da vida privada, mas também da história do cotidiano, pois reflete as mudanças ocorridas na sociedade através dos arranjos externos e internos, materiais e arquitetônicos, em busca de maior conforto, embelezamento e modernidades (ARIÈS, 1991, p. 7).

O espaço da casa traz inserido nele a vida de seu proprietário e de seus familiares, que ali viveram por tempo longo ou curto e construíram um espaço com usos e significados próprios. Abrange também às teias extra familiares composta de amigos, vizinhos, negócios e empregados. Seus hábitos culturais e intelectuais, alimentares e de higiene, religioso e de lazer formando um conjunto de relações que servem de ponte entre o público e o privado. Assim podemos dizer que a casa articula o privado e o público, de acordo com o tempo ou interesse de seu proprietário.

A casa, enquanto espaço sociológico é capaz de despertar emoções, reações, orações, músicas e imagens. Da Matta afirma que usamos a casa tanto para definir um espaço íntimo e privado como o quarto, quanto um espaço máximo e público, quando nos referimos a casa como um país, um estado ou uma cidade, onde ela está localizada (DA MATTA, 1987, p. 15).

Para Kant "...estar em casa é reconhecer a lentidão da vida e o prazer da meditação imóvel (...). A identidade do homem é portanto domiciliar (...)" (Kant *apud* PERROT, 1991, v. 4, p. 308). Portanto nos referimos a casa sempre que necessitamos de localizar um lugar de origem, o lugar de formação da identidade.

Por sua vez, para Gilberto Freyre a casa e suas relações com a pessoa que a possui, e as relações com o ambiente social, no qual está inserida permite vários estudos interdisciplinares: antropológicos, históricos e sociológicos. Partindo dessas noções, podemos estudar o homem em seu universo particular examinando sua casa e os objetos que a compõem, tomando-a como ponto de partida para a compreensão do nosso sistema histórico, social e cultural, pois o brasileiro "(...) gosta da rua, mas a sombra da casa o acompanha (...)" (FREYRE, 2004, p. 36)

Os ritos públicos, de aspectos legais controlados pelo Estado, e morais, controlados pela igreja, vêm da rua para o interior da casa. Dentro da casa, em seu espaço privado, seguimos a orien-

tação que vêm da família e da tradição. Compartilhamos esse espaço privado¹, doméstico, regido pela tradição com o público quando das cerimônias domésticas, como aniversários, casamentos, batismo, funerais, etc. Nesse momento as relações familiares são legitimadas no espaço social.

Perrot acredita que “o privado é uma experiência de nosso tempo” (PERROT, 1991, v. 4, p. 9) e nesse mundo privado criamos cenários através da forma de ocupação dos espaços. As atividades desenvolvidas no interior de uma casa acontecem nesses cenários, que não incluem apenas o edifício, mas todo o espaço ao seu redor, esse cenários são inventados e institucionalizados pelo homem. Eles são compostos de objetos, coisas e pessoas, cada qual carregando sua própria história, ligados pela teia familiar, articulando-se no cotidiano, com linguagens sociais e corporais próprias.

A forma como ele se apropria desses espaços criando os cenários com móveis, equipamentos e objetos, revelam sua visão do mundo externo, seus gostos, suas pequenas/grandes coleções, seu nível intelectual e suas relações políticas e sociais. Um olhar sobre sua vestimenta e seus adornos pessoais pode identificar seu comportamento entre o mundo social e o doméstico. Citando Perrot, “As maneiras de comer, de se lavar, de amar – e portanto, de morar-se modificam de acordo com a autoconsciência que passa pela intimidade do corpo” (Id., v. 4, p. 10).

Assim, a maneira de morar revela o espírito de seu morador e o momento histórico no qual está inserido. Dentro da casa morada, rodeados com seus objetos e equipamentos do cotidiano de seu proprietário, podemos adquirir conhecimento sobre ele e suas práticas culturais e sociais.

Os interiores levemente pomposos do séc XIX também refletiam modos de vestir, cadeiras com saias e cortina drapeadas imitavam os detalhes de como os tecidos eram usados em saias e vestidos, o papel de parede imitava os padrões usados nos tecidos. A riqueza dos moveis espelhavam os trajes luxuosos de seus donos. (RYB-CZYNSKI, 1996, p. 19)

Assim fica claro a relação que existe entre os modos de morar e de vestir, a decoração interna refletindo um “estilo de vida”.

A casa, espaço da vida privada, será o palco, onde estão contidos os cenários, que possibilitarão o estudo da história do cotidiano. Ao se pensar nela não nos prendemos somente nos aspectos materiais que a compõem, mas nas ações que ali acontecerão e acontecem.

Para que essas ações aconteçam é necessário ter em mãos objetos, mobiliário, equipamentos que ajudam a realizar as tarefas cotidianas dentro do universo da família. O objeto, no sentido mais amplo, adquirir sentido, interagindo com o morador, com outros objetos, no cenário da história cotidiana. Para Ecléa Bosi...

Quanto mais voltados ao uso do cotidiano, mais expressivos são os objetos: os metais se arredondam, se ovalam, os cabos de madeira brilham pelo contato com as mãos, tudo perde as arestas e se abrandam. (BOSI, 1987, p. 360)

Nesse sentido o objeto do cotidiano, será capaz de atualizar as lembranças, estimulando a vivência, adquirindo sentido, desde que esteja devidamente ambientado no cenário de uma determinada época.

Estudaremos a casa como parte da memória individual de todos os indivíduos,

¹A questão de privacidade que usamos hoje não era colocada, as famílias dividiam os espaços da residência com toda sorte de pessoas, familiares, agregados, escravos da casa, caixeiros viajantes, padre, etc., além dos animais domésticos e de consumo. Era na casa que se realizavam muitos trabalhos manuais, de moagem e os depósitos de alimentos. A busca do isolamento e privacidade acontece apenas no final do século XIX.

inserida na memória de um grupo, bairro, cidade ou nação, presa a tradição, espaço de memória coletiva. A casa como objeto cultural capaz de articular a memória individual, cenário cotidiano, presente na lembrança de todos os indivíduos, segundo Ecléa Bosi:

A casa, como objeto cultural, coloca-se como um dos recursos possíveis no universo individual e coletivo, por estar presente no universo individual e coletivo e por se mostrar como um fragmento dentro do cabedal infinito que é a memória (BOSI, 1987, p. 39).

Como vimos, podemos através da casa morada e dos objetos que a compõem fazer vários estudos, construindo leituras no campo da história, da cultura material e imaterial e da história social. Ver o objeto não como utilitário, de arte ou de adorno, mas compreender seu uso no interior da residência, seu significado para o proprietário, dentro de seu mundo privado. Tomamos por base Ecléa Bosi que afirma que os objetos nos falam, porém é preciso um olhar atento para se dialogar com eles.

Temos com a casa e com a paisagem que a rodeia uma comunicação silenciosa que marca nossas relações mais profundas. As coisas nos falam sim, e porque exigir palavras de uma comunicação

tão perfeita? (BOSI, 1987, p. 361)

O presente estudo pretende entender essa comunicação silenciosa que existe dentro do espaço doméstico e levá-la para dentro das Casas Museus. Estudar a re-construção desse espaço e a transformação de objetos cotidianos em objetos testemunhas, que são eleitos para homenagear e re-significar a vivência de um personagem histórico, transformando a casa residência em monumento histórico. Para tanto começamos por tentar desvendar a materialidade arquitetônica e as transformações ocorridas na casa brasileira, tanto no aspecto construtivo como na organização dos espaços internos e na funcionalidade da casa. Pois, a casa é como uma roupa, que deve servir, abrigar das intempéries e proporcionar conforto, levando em conta hábitos pessoais e familiares, tornando-se assim um lar (RYBCZYNSKI, 1996, p. 198).

A materialidade arquitetônica

(...) uma casa, seja ela qual for, dura e não para de testemunhar a lentidão das civilizações, de culturas obstinadas em conservar, em manter, em repetir.

FERNAND BRAUDEL. CIVILIZAÇÃO MATERIAL, ECONOMIA E CAPITALISMO, SEC. SEC. XV-XVIII.

A arquitetura da casa é um testemunho da formação da memória histórica dos povos, assim sendo a casa e a cidade são símbolos concretos de uma sociedade pois

refletem seus valores, transformando-se em produtos culturais. Trazem intrínsecos os valores de quem a desenhou e a construiu, como também dos que ali viveram e se apropriaram de seus espaços.

Podemos dizer que a arquitetura é uma categoria antropológica, porque demonstra um modelo de comportamento humano, que envolve organização social, aplicação de técnicas, intervenção no ambiente ao redor e significados afetivos e simbólicos (OLIVEIRA, 2001, p. 48). Ao se optar por morar em um determinado local, o cidadão sofre a influência desse lugar, na maneira construtiva e na distribuição dos espaços internos (CERTEAU, 1991, v.1, p. 40).

O homem precisa organizar os espaços internos de sua casa procurando melhor desenvolver suas atividades biológicas, culturais e mecânicas. Sua liberdade e criatividade são exercidas no momento em que ele toma posse dos espaços, é quando ele transforma uma casa em lar, dando a ela "sua cara", instituindo novos modos e usos, recheando os ambientes com seus pertences, suas lembranças e memórias, transformando o local em lugar único.

As mudanças são constantes, pois as atividades que ali se desenvolvem e os equipamentos usados para desenvolvê-las passam por vários processos de mutação, vindos através do desenvolvimento industrial e tecnológico e da modernização. A modernização insere no cotidiano do indivíduo, um conjunto de novas sensações

e expressões no modo de agir, sentir e morar, produzindo novas formas de fazer, criando uma nova ordem e novas maneiras de viver. Na casa está presente a técnica e a nova tecnologia e o "saber fazer" que é próprio de uma comunidade (LEMONS, 1996, p. 8).

Ao se estudar uma casa, construímos uma história que envolve arquitetura, métodos construtivos, modos de produção, classes sociais, desenvolvimentos industriais, econômicos e políticos, não nos esquecendo que o principal ator é o proprietário seguido de seus familiares. Eles são os elementos que dão vida ao patrimônio, que iram traçar o uso social da casa e construir a história cotidiana. O espaço da casa confunde-se com a ordem social, sem entender os valores sociais do período em que a casa foi construída e ocupada fica muito difícil retratar e ressignificar sua ocupação, organizando as experiências e vivências que ali se desenvolveram, pois o ato de morar repousa na história cultural e social.

As formas de morar que encontramos em moveis e acessórios, refletem um passado que traz referências aos lares dos ancestrais, a domesticidade sólida, que quando não existe, é inventada por uma comunidade em busca de referências que lhes desenvolvam o sentimento de pertencimento e empoderamento com o local habitado.

Para Gilberto Freyre a casa brasileira do século XVI ao século XIX dividia-se em casa grande rural ou semi-rural, casa térrea de porta e janela ou ainda pequenos sobrados com área residencial na parte superior. Para a população mais pobre palhoças, ranchos e cabanas (FREYRE, 1985, p. LXVI).

Antes disso, no Brasil havia as residências dos índios: ocas ou malocas, construídas em terras férteis e próximas dos rios. Segundo Catharino (CATHARINO, 1995, p. 80) "os índios tinham residência, e não domicílio"² pois sendo nômades, trocavam periodicamente de local em busca de água ou caça. Essas habitações coletivas, em geral em barro, madeira, cobertas de folhas de diversas palmeiras, sem repartição interna, sem janelas e com duas ou três entradas, serviam como abrigo, dormitório e lugar de refeição. Para Sérgio Buarque de Holanda a vida desenrolava-se em seu interior no sentido mais pleno possível. No centro das malocas ficava o fogo usado para aquecimento e para cozinhar,

²Buscando a diferença entre residência e domicílio, conseguimos levantar que é considerado residência "lugar onde alguém habita por um determinado período", e domicílio "lugar que a pessoa habita com disposição de lá permanecer". Cf. DICIONÁRIO contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

ao redor dele aconteciam às reuniões para compartilhar as experiências cotidianas (cf. HOLANDA; CAMPOS, 1989, v. 1, p. 74).

Aliás o fogo, desde os tempos remotos, é considerado símbolo de vida em família, união do homem com a mulher, lugar de aproximação dos seres, por seu calor e sua luz, lugar onde se prepara o alimento; na Europa a lareira é considerada o centro da vida familiar (CHEVALIER; CHEERBRANT, 1997, p. 536). Ainda hoje dizemos que a cozinha é o coração da casa, pois é em volta do fogão e da mesa que se reúne a família. Assim o conceito de lar é anterior ao conceito de casa, pois tomando o princípio que lar é o lugar do fogo, podemos afirmar que nossos antepassados, reunidos dentro das cavernas, tendo o fogo posto, conseguiram transformar o espaço de abrigo, em lar.

Os primeiros ranchos construídos pelos portugueses seguiram a técnica construtiva dos índios, casas pequenas construídas em taipa³, revestidas de palha e sapé, tendo como diferencial janelas e repartições internas (GUERRA, 2001, v. 2, p. 11). As casas, existentes no período colonial brasileiro, mantêm os maneirismos portugueses, construídas em taipa de pilão e mais tarde em taipa de mão, sua arquitetura urbana é de linhas retas, volumes quadrangulares, grandes cheios nas fachadas e pequenas janelas com folhas de escuro, não havendo a preocupação com a simetria na distribuição de portas e janelas. Embora a arquitetura pernambucana deste período recebe também a influência dos holandeses, na construção de seus grandes sobrados de dois ou três andares (Ibid.).

Os sobrados deste período eram feitos para uso comercial, no térreo o comércio e os escravos, na parte de cima receber e morar. O espaço destinado para receber possuía janelas que se abriam para a rua, porém os quartos, pequenas alcovas⁴ sem janelas, eram protegidas do olhar dos curiosos e da contaminação que a rua podia trazer. As paredes eram caiadas ou revestidas de terra branqueada, tabatinga⁵, os sobrados de pessoas abastadas recebiam revestimento de azulejos portugueses, muitas vezes só nas paredes de cima do sobrado, onde ficava o lugar de morada. Os balcões eram individuais ou corridos, fechados por treliça de madeira, muxarabis.

As casas de fazendas também receberam a influência portuguesa, pois mesmo sendo ca-

sas maiores que as urbanas, mantinham as linhas retas e a simplicidade característica da época, a arquitetura doméstica era sóbria. A palavra “casa” indicava qualquer aposento da moradia: “casa de banho”, “casa de dormir”, “casa de moagem”, “casa dos negros”, como era conhecida a senzala.

As mudanças na forma de morar e no uso da casa começaram a se alterar ao longo do século XVIII, pois a casa passa a ter uma nova subdivisão interna, para que haja uma maior privacidade entre seus membros, nesse período acontece de forma definitiva a transição da casa, enquanto morada pública composta de parentes, empregados e agregados, para dar lugar a uma casa íntima, familiar, privada. “O senso de intimidade doméstica que estava surgindo foi uma invenção humana, assim como todas os implementos tecnológicos” (RYB-CZYNSKI, 1996, p. 61).

No Brasil começamos a alterar mais intensamente as formas de morar a partir da chegada da família imperial em 1808. As mudanças começaram a ocorrer e não pararam mais, acompanhando todos os movimentos políticos e econômicos de nosso país: Independência e República, o maior poder econômico advindo do dinheiro do cultivo da cana de açúcar e do café. Com o enriquecimento dos fazendeiros, seus filhos foram mandados às capitais para estudar, lá eles receberam a influência européia e voltaram para suas regiões de origem com uma educação muito diferente da rude formação de seus

³Taipa – técnica que empregava o barro para a construção, típica de regiões onde havia escassez de material como pedra e cal (GUERRA, 2001.v.2, p. 11).

⁴Segundo Jean-Baptiste Drebret, alcova é uma palavra árabe que significa tenda fechada ou armário onde se dorme, tradição perfeitamente aplicada aqui no Brasil (ACAYABA, 2001, v.2, p. 83).

⁵Tabatinga é um tipo de terra argilosa, de cor clara, conhecida pelos índios como barro branco (Cf. FREYRE, 1985, p. 31).

pais. Foram eles os responsáveis pela introdução dos livros e revistas na maioria das casas, trouxeram na mala os novos hábitos que aos poucos foram se misturando aos costumes tradicionais.

Sabemos que vários fatores contribuíram para o processo de modernização, porém, acreditamos que a maior modernização chegou pela influência da Estrada de Ferro, que trazia, de forma mais rápida, os jornais e magazines que continham os anúncios do que havia de mais moderno na Corte, Rio de Janeiro, além dos catálogos de lojas exportadoras de artigos de vários países da Europa, que, a partir de 1850, passam a ter relações comerciais com o Brasil. As propagandas, feitas para vender, mostravam um mundo idealizado, evocavam imagens informais e confortáveis, ambientes feitos para conquistar, transformar em belos cenários os ambientes cotidianos.

Assim, os vagões de trem passaram a ser utilizados também para transportar a modernidade. Eram os mesmos vagões que levavam as sacas de café para o porto e de lá traziam, além dos materiais construtivos os equipamentos (móveis, louças, adornos, vestimentas, etc.) que juntos transformaram a vida cotidiana, criando novos hábitos de viver e de morar. Para Maria Cecília, “O trem de ferro veio assimilar o aumento de consumo, devido à intensificação das importações e da abertura das casas comerciais” (HOMEM, 1996, p. 56). Porém as novidades trazidas da Europa, em materiais cons-

trutivos, adornos e equipamentos arquitetônicos eram, em sua grande maioria desconhecidos, criando a necessidade de se importar também os mestres artesões para realizar o novo tipo de construção e ensinar a nova forma de morar através das governantas, perceptoras e pajens estrangeiras.

Assim a partir do fim do século XVIII e o século XIX foram marcados por alterações na ordem pública e privada, essas mudanças foram mais sentidas na Corte do Rio de Janeiro e nas cidades próximas. Nas regiões mais distantes, elas demoraram mais para chegar, pois a população com tradições mais enraizadas foram lentamente assimilando as mudanças. Elas começaram a ocorrer no momento da passagem da economia mercantil-escravista para a economia cafeeira, quando há um aumento no consumo de bens e equipamentos. Porém o aburguesamento⁶ das famílias aconteceu primeiramente nas áreas urbanas, através da assimilação e cópia dos hábitos europeus.

Nas residências do século XVIII o espaço considerado o coração da residência era a varanda, espaço intermediário entre a área íntima e a de serviço, voltado para o interior das residências, quintal, pomar ou jardim interno, era destinado para as refeições, repouso rápido nas redes e realização de trabalhos manuais ou dos afazeres femininos, local onde só podiam entrar “os da casa”⁷ ou as visitas próximas, seu mobiliário era mais modesta, possuía grande mesas em madeira com amplos bancos.

⁶Entende-se por “aburguesamento” o modo como as camadas recém enriquecidas pela expansão agrária, principalmente ligada ao café, e por atividades comerciais, que adotaram modos de ver, agir e pensar diferenciado, absorvendo a nova cultura urbana, de cunho europeu, se diferenciando da cultura tradicional mais rústica. (SINSOM, 1984. p. 67)

⁷Eram considerados “os de casa” familiares, agregados ou empregados.

Esse espaço muitas vezes era utilizado também para se cozinhar, aqui se reunia a família, os agregados, os escravos, lugar de nenhuma privacidade, onde se passava a maior parte do dia.

Com as mudanças ocorridas nos espaços internos da casa, os homens ganharam lugar para os negócios e para a política a “sala dos homens”, nesta sala eles se reuniam para fumar, beber e conversar. As mulheres ganharam a “sala das mulheres” espaço de convivência onde se reuniam para realizar os trabalhos manuais de agulha ou de tear e as leituras que antes eram feitas na “varanda”. Outro espaço novo foi a “sala de visitas”, espaço nobre voltado para a rua, onde se recebiam os amigos, conhecidos e partidários. A parte superior da residência, nos sobrados, ou interna nas residências térreas, foi destinada exclusivamente à família, aos dormitórios, sendo portanto considerada área íntima. Os dormitórios de hóspedes ficavam no piso inferior nos sobrados ou logo após a sala de visitas, nas residências térreas (LEMOS, 1999, p. 138).

As casas ganharam duas cozinhas, a interna considerada seca que ficava no fundo da residência podendo ser acessada por vendedores e entregadores por um corredor lateral. A segunda cozinha, que era construída em um espaço anexo a cozinha seca, local aberto ou fechado, era uma espécie de “puxado” onde eram preparadas as carnes, os quitutes em forno de barro, o sabão de cinza, o ralador de mandioca, o moe-

dor do milho, etc. Os quintais eram área de circulação e distribuição para os serviços, às mulheres distribuía as tarefas, dando as ordens à criadagem para realização dos serviços domésticos, era um eterno ir e vir com água, mantimentos, grãos, animais mortos e vivos, roupas sujas e limpas, etc.

As instalações sanitárias ficavam em uma construção anexa a casa, no quintal, elas não eram usadas para o banho. Os banhos podiam ser realizados no dormitório ou em um quarto próprio, em gamelões⁸, bacias de folhas de flandes ou caixas de madeira. A maioria das construções eram secas e as atividades com água eram feitas em área externa ou em bacias. Houve grandes adaptações com a chegada das tubulações que levavam a água para o interior das residências. A água trouxe a mecanização dos serviços, distribuir a água pura, drenar as águas servidas para longe das residências, trazer conforto, instituir novas práticas, enfim consolidar os bons hábitos, tão em voga no fim do séc. XIX e início do séc. XX (BEGUIN, 1991, 39-54).

No sec. XIX com o barateamento dos vidros as residências, ganharam grandes janelas, guilhotinas envidraçadas⁹ para a entrada de luz natural. Elas substituíram aos poucos as gelosias, as rótulas e os muxarabis¹⁰, que serviam também para proteger o interior das casas do olhar curioso da rua, principalmente as mulheres, que através delas, podiam ver sem ser vistas (Cf. MARINS, 2001). Essa substituição, foi feita primeiro, por vontade

⁸ As gamelas, em madeira, podiam ser de formatos diferentes: redonda, retangular ou ainda um tronco de árvore comprido e vazado.

⁹ Janela composta de dois meio-caixilhos verticais e paralelos próximos um do outro, com venezianas e/ou vidro.

¹⁰ Trelças de madeira que filtravam o calor e a luminosidade, permitindo uma ventilação mais adequada no interior da residência e proporcionavam intimidade. GUERRA, José Wilton. Op. cit. v. 2. p.14.

própria dos proprietários e depois através dos códigos de posturas municipais.

Segundo Braudrillard:

O vidro materializa de forma extrema a ambigüidade fundamental da ambiência: a de ser a um só tempo proximidade e distância, intimidade e recusa de intimidade, comunicação e não comunicação. (BAUDRILLARD, 2004, p. 48)

A presença do vidro também passou a ser sentida nos armários, principalmente nos fixos, que ganharam portas envidraçadas, dando vistas aos objetos que continham. O hábito do colecionismo doméstico se expande, pois porcelanas e cristais passam a ficar exposta ao olhar do visitante.

As portas internas das residências, visando uma melhor iluminação e areação, foram serradas e ganharam bandeiras¹¹ em madeira e vidro ou ferro, adaptando-se aos novos tempos. A iluminação vai aos poucos entrando e modificando a vida cotidiana, das velas de sebo ou cera passamos as candeias de óleo de mamona ou óleo de peixe e as lamparinas que foram aposentadas quando chegaram os lampiões de combustores, os quais deixaram de existir com a chegada da luz elétrica. A iluminação mudou a convivência cotidiana, a luz trouxe novos horários, segundo Lemos, "Não mais se dormia com as galinhas (LEMOS, 1995, p. 134).

Como resultado do processo civilizatório que ocorre a partir de meados do século XIX, quando foram incentivados pelos médicos e engenheiros sanitaristas novos hábitos na maneira de morar, enfatizando a necessidade de iluminação natural e ventilação nas residências, a tendência foi de se construir casas amplas, arejadas e iluminadas, com cômodos grandes e de destinação certa.

A partir da primeira década do séc. XX muitos projetos arquitetônicos foram encomendados para arquitetos estrangeiros, que vindos da Europa, traziam na bagagem um álbum com fotos de fachadas de casas de seus países, para servir de modelo e todos os equipamentos decorativos necessários para a construção de residências (LEMOS, 1995, p. 201). Esses novos técnicos, construtores e artesãos imigrantes europeus, trouxeram o saber instituído de seus países de origem, sendo muito disputados no momento de se modernizar a casa. Eles introduziram na casa novas subdivisões internas procurando dar aos seus proprietários privacidade e conforto, também incluíram nas fachadas novos arranjos decorativos, onde houve a substituição dos balcões de madeira pelos de ferro, das gelosias pelas grandes janelas de vidro, foram colocadas as platibandas de cerâmicas do Porto e os revestimentos de azulejos decorados (Id, p. 210).

A casa passou a ser vista como símbolo de poder econômico e social. Maria Cecília acredita que a mu-

¹¹ As portas internas e em alguns casos também externas receberam um caixilho envidraçado ou de ferro geralmente fixo, que serve para dar claridade e levar ventilação aos aposentos.

dança social acontece antes da mudança espacial:

(...) porém para que se construísse um novo espaço, foi necessário que se alterasse primeiro o modo de vida, o qual, no entanto, ocorreria de forma independente do espaço” (HOMEM, 1996, p. 16).

As funções dessa nova casa eram: o estar e o lazer; o repouso, o sono e o banho; e a área destinada aos serviços. Os novos ambientes ficaram assim distribuídos: o ambiente social, logo na entrada da casa, com amplas janelas envidraçadas voltadas para a rua. No centro da residência ou no andar superior, os espaços íntimos, longe do olhar de estranhos; no fundo da residência os espaços de serviço, ligados a rua pelos corredores laterais e separado do resto da casa por largas portas (OLIVEIRA, 2001, p. 263). Pelos corredores laterais transitavam animais, vendedores, entregadores, empregados, escravos e senhores, ele servia de ligação entre a casa e a rua.

Como vimos a modernização e o progresso trouxeram à nova casa domesticidade¹². Foi assim criada uma nova forma de viver e de morar, modificando também as necessidades de ordem pessoal, social e cultural. Para Lemos “A casa carrega em si símbolos criados pelo homem que variam no tempo e no espaço e que retratam sua forma de usufruí-los” (LEMONS, 1999,

p. 22). Assim estudando seu interior podemos constatar todas essas mudanças, pois o homem partiu em busca de maior conforto doméstico, que envolve conveniência, eficiência, lazer, bem-estar, prazer, domesticidade e privacidade (RYBCZYNSKI, 1996, p.236).

Porém a partir da terceira década do século XX com o mundo em guerra e a recessão econômica houve a proposta de uma arquitetura mais simples. As novas técnicas construtivas e novos materiais, mais leves, resistentes e baratos, deram a casa uma aparência de limpeza, beleza e saúde, grandes janelas abertas, livres das cortinas pesadas permitindo a entrada da luz e do ar puro, divisões funcionais, fluxos livres e pequenos jardins decorativos. A organização dos espaços internos passou a ser feita de acordo com a necessidade de seus moradores “deixe-se guiar pela conveniência e não pela tradição... leve em consideração as personalidades e os hábitos de sua família, inclusive os seus” (Id., p. 198), aconselhava Lílian Gilbret em sua revista voltada para o público feminino.

Houve redução dos espaços internos, obrigando o morador a adotar um novo mobiliário cuja principal característica era a praticidade e funcionalidade, visando um equilíbrio entre o novo e as tradições, uma casa útil e eficiente. Decorações simples, “as casas devem ser livres de ornamentação, o que havia sido necessário no passado não era mais apropriado a um mundo moderno, industrializado” (RYBCZYNSKI, 1996, p. 206), assim passou-se a adotar moveis de linhas retas. As grandes casas foram dando lugar a pequenas casas ou ainda aos apartamentos, sem perder a característica de lar¹³. Assim consideraremos todos os tipos de casa como patrimônio edificado, lugar de memória, carregado de valores e significados.

Concluimos que a materialidade da casa faz parte do cenário da memória, sendo que a beleza arquitetônica está expressa através do planejamento, edificação, simetria e delicadeza de suas formas, mas principalmente pela posse de seu proprietário, de usos e costumes que ali foram construídos e vividos. Para Novais

Ao percorrer os espaços domésticos, vamos observar a consagração do indivíduo e a exaltação de suas marcas de distinção. Por

¹² Entendemos por domesticidade um conjunto de emoções relacionadas a família, intimidade, arranjos internos, lar, a casa incorporando a personalidade de seus proprietários (Cf. RYBCZYNSKI, 1996, p. 85)

¹³ Consideramos lar o lugar de vivência familiar onde fica o núcleo da família..

meio de um sistema de convenções e ritos precisos vão se estabelecendo oposições entre o formal e o informal, entre a solenidade e a privacidade, que repercutiram nas estratégias de aparências e na conformação e decoração dos ambientes (NOVAIS, 1998, v. 3, p. 489)

Em uma casa museu vemos esse mundo privado através das lentes do presente, repaginado e transformado em informação histórica e cultural. Estudaremos a casa como um lugar de memória procurando juntar todos os fios que a compõem: a arquitetura, a distribuição dos ambientes, os móveis e equipamentos de uso doméstico, a apropriação do espaço por parte de seus moradores, a simbologia do cotidiano e o uso social e cultural, e também em alguns casos os usos políticos e comerciais, que se faziam da residência.

A casa como lugar de representação

A CASA É O CENTRO GEOMÉTRICO DO MUNDO (...) TUDO É TÃO PENETRADO DE AFETOS, MÓVEIS, CANTOS, PORTAS E DESVÃOS QUE MUDAR E PERDER UMA PARTE DE SI MESMO, É DEIXAR PARA TRÁS LEMBRANÇAS QUE PRECISAM DESSE AMBIENTE PARA REVIVER.

ECLEA BOSI. MEMÓRIA E SOCIEDADE – LEMBRANÇAS DE VELHOS

A casa faz parte da memória de todas as pessoas, está presente em todos os lugares e nos mais diversos meios sociais, carrega em si cenários de nossa privacidade. Esses cenários domésticos são compostos de elementos diversos, objetos e pessoas, com temporalidades específicas, inseridas na sua própria história social e cultural de quem a produziu e de quem ali morou, fazendo parte da memória coletiva. A casa como representação, um lugar de memória, uma fronteira entre o mundo público e o privado.

Considerada o centro do mundo, a partir dela traçamos nossos perfis, nossa memória é marcada pelo tempo passado na casa morada, nascimento, casamento, formatura, morte, etc. Mesmo nosso tempo social é formado nela, é lá que foi determinado o tempo de dormir e acordar, de comer e de brincar, de ir a escola ou ao trabalho, criamos raízes com a casa e lá construímos nosso passado sonhando com nosso futuro.

O espaço da casa é formado por preferên-

cias, laços, simpatias, lealdade pessoais, compensações, bondades ou maldades, que fazem parte do cotidiano das pessoas que ali viveram ou compartilharam de um tempo cíclico, onde as transformações acontecem lentamente e são transmitidas de geração a geração. A decoração segue um “discurso poético”¹⁴ onde os objetos se comunicam em uma linguagem íntima, quase secreta com seus moradores.

Assim a transformação de uma casa moradia em uma casa memória é feita através de sua representatividade e dos valores a ela atribuídos por uma comunidade. A re-visitação de seus espaços tem a capacidade de estabilizar o tempo, despertar emoções, relembrar situações escondidas no fundo da memória individual ou coletiva de uma família, organização, sociedade ou nação, pois o imaginário produz conhecimento e multiplica significados através do processo associativo (cf. FERRARA, 2002).

O modo de lembrar é individual tanto quanto social, o grupo transmite, retém e reforça as lembranças, mas o recordador¹⁵, vai trabalhando os objetos que servirão como detonadores dessas lembranças, individualizando a memória comunitária, ressignificando os espaços, selecionando o que lembrar e como lembrar, criando assim os apoios da memória, como diz Ecléa Bosi “faz com que fique o que signifique. (BOSI, 1987, p. 21) Ao fazer essa seleção e registro dos objetos, fragmentos, que serviram para reconstruir um tempo e/ou prestar homena-

¹⁴Segundo Baudrillard o discurso poético se dá entre o tradicional, móveis e objetos, e o belo, segundo orientações de seu proprietário no momento de compor o ambiente. É ele que dita as regras de decoração e funcionalidade seguindo orientação de seu tempo social. (Cf. BRAUDRILLARD, 2004, p. 31)
¹⁵ Estamos considerando como recordadores as pessoas envolvidas na montagem do cenário de uma casa museu, pois ele(s), jun

tamente com a comunidade embasados na história oficial e não oficial, nos depoimento de familiares e de ex-frequentadores da casa morada, irão eleger os objetos testemunhas que serão usados para resignificar os espaços da casa, transformando-a em lugar de memória

¹⁶ Usaremos a noção habitus conforme a define Pierre Bourdieu: um conjunto de padrões adquiridos de pensamento, comportamento, gosto, etc., elo entre as estruturas sociais abstratas e a prática social concreta.

¹⁷ Usaremos personagem sempre que nos referimos ao proprietário de uma Casa Museu. Entendendo personagem como pessoa notável, eminente ou de destaque que foi homenageado, tendo sua casa morada transformada em Casa Museu.

gem a um personagem, cria-se a relação com o ausente, no presente, significando as lembranças e assim compartilhando memórias. Pois segundo Ecléa Bosi, “Cada um desses objetos representa uma experiência vivida. Penetrar na casa em que estão é conhecer as aventuras afetivas de seus moradores” (Id., p. 360).

Sabemos que o passado é estático não muda, porém o presente é uma constante mudança, e cada mudança produz um novo olhar ao passado, recriando-o. Em uma “Casa museu” somos meros observadores e tentamos através de fragmentos e vestígios construir um cotidiano, um mundo presumido, um simulacro. Para Bourdieu, a casa, “... memória silenciosa e determinante, estabelece a metáfora do habitus, fornecendo um referencial, uma aparência da realidade (Bourdieu apud CERTEAU, 1996, v. 1, p. 127)¹⁶.

Através das pesquisas documental, imagética e dos objetos que fazem parte do acervo da casa morada iremos construir as narrativas que tecem a teia que iram fazê-la falar com o visitante, desvendando os silêncios e recriando a ambientação, a experiência e a história de vida de seu proprietário, transformando assim uma casa morada em uma casa memória.

O mito de seu personagem (proprietário da casa) só se sustenta quando há uma tradição que o mantém, quando a preocupação de uma comunidade ou um grupo social de lembrá-lo e repassá-lo para a próxima

geração. A história irá, através do trabalho de pesquisa, analisar e construir um discurso que norteará a memória, porém só será memória quando for capaz de restabelecer os laços entre o passado e o presente, que o ligaram a memória coletiva.

A casa elemento de representação social, quando se transforma em Casa Museu, faz com que seja agregado também o valor de patrimônio e de representação cultural, passa a ser um monumento histórico, marco de uma identidade cultural, parte da memória coletiva de um local, cidade ou região, construindo um sentimento de pertencimento. Para Augé:

O lugar é a construção concreta e simbólica do espaço, sendo ele, simultaneamente, um princípio de sentido para aqueles que o habitam e de inteligibilidade para quem observa. Além de histórico, o lugar antropológico pretende-se identitário e relacional, pois filia-se ao todo social e espacial (AUGÉ, 1994, p. 54).

Assim a casa museu é um lugar de memória que se mantém como local onde o personagem¹⁷ está representado, através de um cenário montado baseado na história oficial e não oficial, onde o passado é reformulado no presente, re-significado, montado para dar veracidade à biografia do homenageado. Ali o tempo é permanente, o personagem pode ser lembrado e reverenciado todas as vezes que se visitar o local.

Um local onde não há necessidade de se fazer esforço para iniciar o processo de rememoração é necessário apenas o desejo de compartilhar as memórias que se tem do personagem, com as marcas concretas da sua trajetória de vida ali expostas.

Para Ecléa Bosi:

(...) o corpo, interposto entre objetos que agem sobre ele e o influenciam através da percepção, é capaz, através da memória de misturar dados do presente com o passado, criando uma relação presente/passado interferindo no processo atual de representação, despertando nosso conhecimento subjetivo das coisas (BOSI, 1987, p. 361).

Para haver essa interação é necessário que haja o reconhecimento, pois a rememoração só é possível quando estamos familiarizados com os elementos tradicionais e culturais que compõem o ambiente. Portanto, para que possamos lembrar é necessário que o local, os objetos e o personagem sejam de alguma forma conhecidos, façam parte do meio cultural e social no qual estamos inseridos.

Assim, a casa museu, espaço de vida contendo um conjunto de objetos testemunhas exemplares de um passado que não se quer esquecer, servirá de elo de ligação da história social e do patrimônio edificado, sendo um lugar de interação e elaboração de conhecimento.

Seu papel fundamental será criar e preservar os laços de pertencimento com as comunidades locais e regionais, através dos espaços históricos ali representados e que deverão fazer parte da memória coletiva, passando de geração a geração.

Tomando emprestado da casa morada todos os elementos, como sua arquitetura, seus espaços, seus móveis e objetos, sua ambientação, a casa museu se propõe a reconstruir um cenário permanente, montado para dar veracidade à biografia de seu proprietário através da experiência de morar, mostrando aos visitantes o “jeito de vivenciar” um determinado modo de vida, dando assim materialidade à memória.

Desta forma, o objeto testemunha em uma casa museu tem a função de significar um tempo, ele não será visto apenas como utilitário ou decorativo, sua funcionalidade e praticidade não irão contar. Ele estará presente para narrar o tempo passado, fazer parte de um “retrato pessoal ou familiar” que se quer representado, ser indício cultural de uma comunidade ou de uma época. Para Baudrillard:

Na medida que se integra no sistema cultural atual, o objeto antigo vem, do fundo do passado, significar no presente a dimensão vazia do tempo. (...) O simples fato de que um objeto ter pertencido a alguém celebre, poderoso, confere-lhe valor, autenticidade (BAUDRILLARD, 2004, p. 34).

O espaço social da casa morada, transformada em casa museu, procurará despertar no visitante a memória involuntária, usando como suporte os objetos testemunhas, aliados a cheiros, sons e imagens, re-significando os espaços, hoje encenados. Essas representações darão vida aos espaços marcando assim suas funções e ordenando suas vivências. A história cotidiana do personagem e da sua família despertam o encantamento e reforçam ou criam o mito de seu proprietário.

A casa como lugar de memória será capaz de revelar os mistérios de seu proprietário, tão cuidadosamente arrumados e conservados em seu interior. Visitá-la é penetrar nesse mundo particular, como um intruso pairando sob seu cotidiano íntimo.

¹⁷ Usaremos personagem sempre que nos referimos ao proprietário de uma Casa Museu. Entendendo personagem como pessoa notável, eminente ou de destaque que foi homenageado, tendo sua casa morada transformada em Casa Museu.

Referências bibliográficas

ACAYABA, Marlene Milan, (coord.) Equipamentos, usos e costumes da casa brasileira. São Paulo: Museu da Casa Brasileira, 2001. v.2. Construção.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Campinas: Papirus, 1994.

BAUDRILLARD, Jean. O sistema dos objetos. São Paulo: Perspectiva, 2004.

BEGUIN, François. As maquinarias inglesas do conforto. Espaço & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos, São Paulo, v.11, n.34, 1991.

BOSI, Ecléa. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: Edusp, 1987.

BOLLE, Willi. Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000.

BOURDIEU, Pierre. A casa ou o mundo aos avessos. Textos Didáticos, n. 46, fev. 2002.

BRAUDEL, Fernand. Civilização material, economia e capitalismo: séc. XV-XVIII Lisboa: Teorema, 1992.

CAMARGO, Adriane et al. A psicologia dos objetos do dia a dia. Disponível em: <www.deps.ufs.br>. Acesso em: 22 de maio de 2006.

CATHARINO, José Martins. Trabalho índio em terras da Vera ou Santa Cruz do Brasil: tentativa de resgate ergonômico. Rio de Janeiro: Salamandra, 1995

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Artes de fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v.1

CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano: Morar e cozinhar. Rio de Janeiro: Vozes, 1996. v. 2.

CHEVALIER, Jean; CHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997

CONTI, Raquel Felix. Reflexões sobre a memória. In: _____. Olhar Crítico. Disponível em: <www.olhacritico.com.br/olhacritico/ver_artigo.asp>. Acesso: 20 de agosto de 2007.

DA MATA, Roberto. A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Ed. Guanabara, 1987

FERRARA, Lucreciam d'Alessio. Cidade, imagem e imaginário. In: SOUZA, Celia Ferraz; PESAVENTO, Sandra Jatahy. Imagens urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2002

FREYRE, Gilberto. Sobrados e mucambos: decadência do patriarcado rural e desenvolvimento urbano. São Paulo: Global, 2004.

HOLANDA, Sérgio Buarque de; CAMPOS, Pedro Moacyr. História geral da civilização brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, 1989. v.1

HOMEM, Maria Cecília Naclério . O palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. São Paulo: Martins Fontes, 1996

LEMOS, Carlos. História da casa brasileira: A casa colonial, casas urbanas e rurais, a habitação burguesa. São Paulo: Contexto, 1996.

LEMOS, Carlos. A morada paulista. São Paulo: Perspectiva, 1995.

NOVAIS, Fernando, coord. História da vida privada no Brasil: República, da belle époque à era do rádio. . São Paulo: Cia das letras, 1998. v.3.

PERROT, Michelle et al. História da vida privada, 2: Da Europa feudal a renascença. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.

_____. História da vida privada, 3: Da Renascença ao século das luzes. São Paulo: Cia. das letras, 1991.

_____. História da vida privada, 4: Da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo: Cia. das Letras, 1991.

OLIVEIRA, Adriana Mara Vaz. Uma ponte para o mundo goiano do século XIX: Um estudo da casa meia pontense. Goiânia: Agência Goiânia de Cultura, 2001.

OLIVEIRA, Andréia Machado, et al. As coleções como duração: o colecionador coleciona o quê ?. Episteme, Porto Alegre, n. 20, jan./jun. 2005. p.111-9.

PEARCE, Susan M. Pensando sobre objetos. In: GRANATO, Marcus; SANTOS, Claudia Penha dos (org.) Museus instituição de pesquisa. Rio de Janeiro: MAST, 2005.

PERINELLI NETO, Humberto. No coração de Narciso: objetos históricos, historiadores, lugar social e construção do conhecimento. Dialogus, Ribeirão Preto-SP, v. 1, n. 1, 2005. p. 51-75.

POMIAN, K. Coleção. In: Enciclopédia Einaudi (Vol. 1. Memória/História). Lisboa, Imprensa Nacional, 1984. v. 1.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: Projeto História, São Paulo, v. 10, dez. 1993.

RYBCZYNSKI, Wiltold. Casa: pequena história de uma idéia. Rio de Janeiro, Record, 1996.

SILVEIRA, Flávio L. A.; LIMA FILHO, Manuel Ferreira L. Por uma antropologia do objeto documental: entre a "alma nas coisas" e a coisificação do objeto. In: Horizonte Antropológico, Porto Alegre, v. 11, n. 23, jan./jun. 2005.

SINSOM, Olga Rodrigues de Moraes. A burguesia se diverte no reinado do momo: 60 anos de evolução do carnaval na cidade de São Paulo. (Dissertação) USP-FFLCH, 1984.